

MULHERES QUE CONQUISTARAM
ESPAÇO E VOZ NA BÍBLIA

Coleção TEMAS BÍBLICOS

- *A antropologia pastoral de Paulo*, Jerome Murphy-O'Connor
- *Linguagens sobre Jesus. Vol. 1: As linguagens tradicional, neotradicional, pós-moderna, carismática, espírita e neopentecostal*, J. B. Libanio, Carlos Cunha (eBook)
- *Linguagens sobre Jesus. Vol. 2: Linguagens narrativa e exegética moderna*, J. B. Libanio (eBook)
- *Linguagens sobre Jesus. Vol. 3: De Cristo carpinteiro a Cristo cósmico*, J. B. Libanio (eBook)
- *Linguagens sobre Jesus. Vol. 4: As linguagens das juventudes e da libertação*, J. B. Libanio; Edward Guimarães (eBook)
- *Milagres na Bíblia*, Luiz Alexandre Solano Rossi; Valmor da Silva (orgs.)
- *O caminho de justiça na sabedoria dos Provérbios*, Valmor da Silva
- *Parábolas na Bíblia*, Luiz Alexandre Solano Rossi; Valmor da Silva (orgs.)
- *Dons e carismas na Bíblia*, Luiz Alexandre Solano Rossi; Valmor da Silva (orgs.)
- *Jesus, o messias dos pobres*, Donizete Scardelai; Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Sofrimento e esperança na Bíblia*, Luiz Alexandre Solano Rossi; Valmor da Silva (orgs.)
- *Anjos e demônios na Bíblia*, Luiz Alexandre Solano Rossi; Valmor da Silva (orgs.)
- *As 55 bem-aventuranças do Novo Testamento: impactos sociológicos, jurídicos, econômicos e teológicos – Exegese e hermenêuticas*, Isidoro Mazzarolo
- *Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia*, Joel Antônio Ferreira

JOEL ANTÔNIO FERREIRA

**MULHERES QUE
CONQUISTARAM ESPAÇO
E VOZ NA BÍBLIA**

Resistências ao patriarcalismo



PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*

Assessoria bíblica: *Paulo Bazaglia*

Gerente de *design*: *Danilo Alves Lima*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Cícera Gabriela Sousa Martins*

Diagramação: *Karine Pereira dos Santos*

Imagem de capa: *A escrava Agar e o filho Ismael no deserto, Marshall Claxton, 1813-1881*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ferreira, Joel Antônio

Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia / Joel Antônio Ferreira. - São Paulo : Paulus, 2023. Coleção Temas bíblicos.

ISBN 978-65-5562-888-3

1. Mulheres na Bíblia 2. Cristianismo I. Título

23-1781

CDD 220.83054

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres na Bíblia



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**

Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-888-3

*Às minhas três amigas e companheiras:
Ester Viena e Sofia (filhas) e Indiará (esposa),
que estão empolgadas com o
protagonismo feminino na Bíblia.*

*Às inumeráveis líderes de comunidades
que testemunham, com abertura,
a novidade da Palavra libertadora no nosso
continente latino-americano
(Gn 1,27c e Gl 3,28c).*

INTRODUÇÃO GERAL

MULHERES EMUDECIDAS PELO PATRIARCADO

“Macho (masculino) e fêmea (feminino) os criou” (Gn 1,27c).

“Não há homem (masculino) nem mulher (feminino)” (Gl 3,28c).

O “QUASE PROJETO” DA MULHER (*NEQBAH*) NO CATIVEIRO DA BABILÔNIA

Por que “quase projeto”? No Antigo Testamento, durante o cativeiro da Babilônia (586-538), tornaram-se escravos os hebreus/israelitas da elite (rei e rainha, oficiais militares, ricos de Jerusalém, classe sacerdotal e, também, as esposas com seus filhos da classe alta) de Israel. Depois do primeiro impacto e da perda das seguranças em tudo, após alguns perderem a fé e o entusiasmo, quando se conscientizaram de que eram escravos/as de verdade, houve uma boa reação: os líderes e seus poetas resolveram escrever um hino a *Elohim* chamado “No princípio fez Deus o céu e a terra” (*bereshit*), para contrastar com o hino dos babilônios ao seu deus Marduc. O hino é o que está na Bíblia (Gn 1,1-2,4a) e que descreve a criação em sete dias. Quase no final do hino (6º dia), há uma descrição da fala de Deus: “Façamos o ser humano (אדם *adam*) à nossa imagem e semelhança” (1,26).

Adam é o homem (ser humano): nome coletivo. Em seguida (v. 27a), usa-se de novo *adam*, ou seja, o homem em sentido coletivo. No entanto, a seguir (v. 27c), não se fala de *adam* (no coletivo), nem de אִישׁ (*ish* = este homem), mas de זָכָר (= *dzakar*), ou seja, masculino (macho); ainda aqui (v. 27c), não se fala de אִשָּׁה (*ishah* = esta mulher) mas de נִקְבָּה (*neqbah*), ou seja, feminina (fêmea).

Foi colocada a palavra “mulher” (*neqbah*) (Gn 1,27c). O que houve? Suspeitamos que, quando hebreus e hebreias estavam na escravidão da Babilônia, ao perderem suas seguranças, inclusive do patriarcado, enquanto elaboravam o hino, as mulheres, então no mesmo nível dos homens, exigiram o nome “mulher” (*neqbah*). Foi uma conquista contra o patriarcado e o androcentrismo. Então, o hino frisa que homem e “mulher” (*neqbah*) foram criados à imagem de Deus. Essa vitória entrou para o cânon bíblico. Mudou tudo. Por isso, foi um “quase projeto” que está perpetuado na Bíblia; porém, após o exílio, principalmente depois de Esdras, houve um retrocesso incrível.

Já no Novo Testamento, na carta aos Gálatas, há um hino batismal (Gl 3,26-28) que, além de dizer que, a partir de Cristo Jesus, “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre”, frisa que “não há homem nem mulher”, “pois todos vocês são um só em Cristo Jesus”. Provavelmente, quem conseguiu impor a expressão “homem e mulher” foram as líderes femininas que estavam totalmente envolvidas nas experiências evangelizadoras das primeiras comunidades cristãs. Foi Jesus quem trouxe várias mulheres para as experiências evangelizadoras e missionárias.

Em seguida, Paulo e seu grupo helenista, com todo ardor missionário, agregou outras tantas mulheres que se desdobraram pelo Evangelho. Elas aderiram à causa, porque, pelo hino batismal, entenderam que, em Jesus Cristo, não podia mais haver diferença entre homem e mulher, em pleno universo patriarcalista greco-romano e judaico. Isso foi revolucionário nas experiências cristãs.

MULHERES SILENCIADAS, NA BÍBLIA, PELO PATRIARCADO

A reflexão partirá das mulheres que foram emudecidas. Então é preciso visualizá-las a partir da “margem” (FERREIRA, 2013, p. 52-58). Por exemplo, a mulher Agar (Gn 16 e 21), a escrava do casal Abraão e Sarai, foi emudecida. Porém, ao se procurar reconstruir a narrativa dela, a partir do seu “lugar social”, vai se descobrir que ela complicou a história da salvação (TAMEZ, 1985, p. 56-72), porque foi acompanhada por Deus: foi a única mulher que teve uma teofania no AT.

Serão vistas outras mulheres silenciadas na Bíblia: Tamar (Gn 38), as parteiras do Egito (Ex 1,15-22), as escravas hebreias (Ex 2,1-10), Míriam e as mulheres do seu grupo (Ex 15,20-21), as cinco filhas de Salfaad (Nm 27,1-11), Débora (Jz 4-5), Rute (Rt 1-4), várias mulheres do NT etc. Nessas averiguações, procurar-se-ão os textos provindos da oralidade popular feminina, ou seja, as “memórias” que nunca foram apagadas, nem mesmo pelos “redatores finais”, quando jogaram as narrativas para os manuscritos que se tornaram cânon da Bíblia.

Serão analisadas as redações finais que foram realizadas por membros líderes das escolas sacerdotais, umas mais abertas e outras bem sectárias com relação ao universo feminino. Os grupos mais fechados tentaram privilegiar a tradição patriarcal e proteger as elites da época. Com isso, procuraram emudecer, quase sempre, as vozes femininas. No entanto, quando as memórias eram bem vivas, os redatores, às vezes, usavam glosas (interferências na oralidade ou em escritos anteriores que já privilegiavam as mulheres), por exemplo, no livro de Rute. Isso, para minimizar os espaços conquistados por várias mulheres ou para proteger as instituições israelitas.

INTERFERÊNCIAS DAS “REDAÇÕES FINAIS” NAS MEMÓRIAS ORAIS FEMININAS

Para ficar bem claro, muitas das narrativas populares orais femininas aconteceram no AT. As narrativas chegaram até os manuscritos

finais que estão na Bíblia, através de um longuíssimo processo de surgimento. Aconteceram muitos contos e recontos através de décadas e mais décadas. Os textos atuais representam as diversas etapas da gradativa elaboração e fixação, e aí se encontram as marcas da vida nas estepes de Canaã (SCHWANTES, 2012, p. 65-66), quando se fala de Abraão, Sarai, Agar, Rebeca, Raquel, Lia, Isaac, Esaú, Judá e seus irmãos, Tamar, Moisés, Josué, Míriam, as cinco filhas de Salfaad, Débora etc. As memórias populares contavam e recontavam o que era marcante na vida das famílias, clãs e tribos. Ao surgirem, na realeza, as escolas dos escribas, quase sempre de linha sacerdotal, ligadas ao templo de Jerusalém, para redigirem a oralidade mais significativa, aos poucos foi transparecendo a mão do “redator final”, que deixava as suas marcas ideológicas.¹

As compilações por escrito e também as redações finais surgiram a partir da monarquia (século XI a.C.), e se estenderam até depois do exílio (século III a.C.). Criaram-se escolas de escribas. Pessoas bem preparadas em níveis intelectual, teológico e, também, ideológico (defesa da elite, da linha sacerdotal e patriarcal). Então, ao compilarem algumas narrativas que vinham da oralidade, procuravam adaptar, por escrito, as memórias antigas segundo o tempo em que viviam. É aqui que se compreendem tantas interferências na oralidade. Os redatores finais, apesar de serem pessoas de fé e engajadas no judaísmo, estavam a serviço do poder e do patriarcado.

Parece que o patriarcado era mais leve nos inícios da história dos hebreus, um tempo de vida seminômade ou de experiências no deserto. Temos muitos relatos que mostram certa autonomia antes e depois de Moisés. Conhecemos muitas memórias sobre mulheres que eram definidas como condutoras de negócios, mães de família, guerreiras, músicas, pastoras, cantoras, líderes comunitárias, juízas, profetisas, sábias etc.

¹ Por exemplo, aquele Abraão apresentado em Gn 17 não é o Abraão real. O que aparece na Bíblia é um Abraão dos redatores finais ou narradores que estavam vivendo séculos e séculos após um possível Abraão. Então, quando vemos uma religião de Abraão, uma teologia dele, as bênçãos dadas a Abraão etc., essas coisas são expressões dos teólogos e redatores finais dos séculos. IV e III a.C.

Foi com o fim do tribalismo (experiências do deserto) e a criação da monarquia (1030-586) que a força patriarcal hebreu/israelita se impôs. Um dos casos mais expressivos do androcentrismo aliado ao poder da realeza foi o efetivado pelo rei Davi/macho, aético, que ultrajou a mulher Betsabeia e assassinou o seu marido Urias, que morreu sem saber de nada (2Sm 11). Aqui se vê bem a ideologia que se impregnou nos redatores finais. Eles puseram, por escrito, apenas duas palavras de dor da mulher Betsabeia: “Estou grávida”. Nada mais. Não descreveram o susto de Betsabeia, as emoções, o pavor que ela teve quando foi violentada pelo rei, as angústias, o desespero quando soube da morte do marido e do filhinho. Betsabeia foi mutilada e emudecida. Porém mostraram, após a visita do profeta Natã ao rei, as dores e os sofrimentos do homem/rei. Esse exemplo mostra como os redatores finais, principalmente os grupos bem ligados ao poder, agiam desfavorecendo as mulheres.

Muitas vezes, houve a traição às “memórias populares orais femininas”. Já vimos que, no cativeiro da Babilônia, houve a elaboração do hino da criação em sete dias, ocasião em que um “quase projeto” feminino conseguiu colocar a palavra “mulher” (*neqbar*) em igualdade ao “homem” (*dzakar*). Porém, com o governante Esdras e o grupo dos repatriados (*golah*) (458 a.C.), foi retomado, com toda a força, o silenciamento das mulheres. Passando essa administração (Esdras), as escolas sacerdotais, com seus redatores finais, tomaram tendências diferentes: umas continuaram fechadas (linha esdriana), calando as experiências memoriais femininas, e outras se abriram, respeitando mais as memórias delas. No entanto, parece que os escribas (redatores finais) líderes se impunham, também nas escolas sacerdotais. Ou seja, o esforço teológico e vivo de algumas escolas, no final, tinha a mão ideológica dos que elaboravam a parte final que entrou para o cânon bíblico.²

² Para isso, há um grande esforço da exegese bíblica mundial. Os estudiosos, em suas pesquisas, precisam entrar no universo dos manuscritos bíblicos (crítica textual da Bíblia), da arqueologia bíblica, da crítica literária e histórica, para ajudar os leitores de hoje a compreenderem os vários e vários estratos da compilação de um texto bíblico, até chegar ao texto final que temos hoje (cânon).

OS REDADORES FINAIS E O EMUDECIMENTO DE MULHERES DESTEMIDAS: AS GLOSAS

Quase toda a Bíblia, nas redações finais, teve a mão de redatores masculinos (MUSSKOPF; SANTOS, 2018, p. 334-354). Entendamos: já foi dito que surgiram, na monarquia, várias escolas teológicas, e que essas escolas, especialmente a sacerdotal, tiveram influência até os séculos IV e III a.C.

Foram elas que apresentaram, por escrito, os resultados da pesquisa sobre as memórias populares e, também, redigiram muitos acontecimentos e reflexões já dos seus tempos. Elas tinham algumas linhas para mostrar que o Deus da Bíblia caminhava com o seu povo, e que ele era o Senhor e libertador. Isso era fascinante. As escolas eram compostas de hebreus/israelitas de profunda fé no Deus da Vida. Os textos iam surgindo em manuscritos, de modo dinâmico.

Agora, é preciso entender que, acima daqueles escribas extraordinários, ou seja, os pertencentes a escolas teológicas, havia os “cabeças” que, no final, aprovavam ou desaprovavam algumas passagens. Esses eram os “redatores finais”, homens bem preparados, porém ligados à elite e de cultura e ideologia antifeministas (DEIFELDT, 1992, p. 5-14). Nos costumes e cultura hebraico-israelitas, os “redatores finais” deixavam as suas marcas. Uma delas era que as mulheres eram colocadas no interior da casa ou das tendas, ocultadas, marginalizadas. Sua voz devia continuar no interior (corpo, casa), e se alguma quisesse transigir, devia ser domada pelo masculino. Quando alguma mulher conseguia sair dali e ir para o externo, provocava subversão (HORVILLEUR, 2020), e era vista como presunçosa.

Os redatores finais, com sua mentalidade patriarcal, silenciaram, na Bíblia, muitas mulheres hebreias (SCHOTTROFF; SCHOERER; WACHER, 2008), principalmente na monarquia e no pós-exílio. Também tentaram apagar, muitas vezes, as memórias femininas. Eles decidiam, ainda, sobre o cânon bíblico

(DUBE, 1988, p. 59-71). A autoridade manuscrita, ou seja, o “redator final”, tornou-se elitista e ligada ao poder. No entanto, a autoridade oral (popular) era mais igualitária e democrática (PUI-LAN, 1998, p. 127-136).

A memória popular não se extingue facilmente. Por exemplo, as memórias das parteiras do Egito (1,15-22), das escravas hebreias (Ex 1,15-22 e 2,1-10), do cântico de Míriam (Ex 15,20-21), da atuação de Débora (Jz 4-5), da defesa da herança da terra das cinco filhas de Salfaad (Nm 27,1-11) eram contadas oralmente ou cantadas em hinos nas famílias, nos clãs e nas tribos. Os redatores finais não conseguiram, no tempo da realeza ou depois do exílio, apagar essas memórias.

Então, as escolas teológicas dos escribas foram fundamentais para usufruirmos a Bíblia que temos hoje. Eram homens de fé e dedicados à Palavra. Eram esses membros que, vivendo nos tempos da monarquia, do exílio e pós-exílio, tentavam ligar as memórias orais com a sua época. É por isso que muitos fatos que descrevem os tempos do tribalismo (deserto) têm reflexões ou acréscimos que foram feitos pelos membros das escolas. Por exemplo, para justificar os sacerdotes do tempo do pós-exílio, estabeleceram que Arão, o irmão de Moisés, muito tempo antes, era sacerdote.

O problema era o final. Houve um determinado tipo de censura e manipulação. Nas redações finais, os líderes que estavam à frente das escolas usaram um artifício terrível, principalmente com relação ao universo feminino: a palavra “glosa” (interferência ou manipulações textuais no texto original).

Eles pegavam algum texto já em manuscrito e, se percebessem que alguma parte ou todo o material estava sendo comprometedor para o sistema governamental ou para a condução religiosa, com certo ardil, inseriam uma “glosa” para modificar o relato original. Isso aconteceu, por exemplo, com o livro de Rute (FERREIRA, 2020, p. 443-460), que foi escrito, possivelmente, por autores/as camponeses/as da região de Belém (interior). O livreto de Rute (Rt 1-4) foi um desafio ao governante tirano

Esdras (450 a.C.) e uma resistência contra os seus arbítrios, que violentavam os pobres da terra, os/as estrangeiros/as que moravam na região, e as mulheres e seus filhinhos. O que os redatores finais fizeram? Interferiram no livro com duas glosas (Rt 1,1 e 4,17d-22), que modificaram totalmente as narrativas: os redatores finais jogaram o texto do século V a.C. para o século XI a.C. (tempo dos juízes), e assim tentaram livrar o eugênico e tirano sacerdote Esdras.

O PATRIARCADO QUERIA SILENCIAR AS LÍDERES FEMININAS

Um sistema sólido como o patriarcado não cai do dia para a noite. Vimos antes sobre o “quase projeto” feminino, conseguido no cativeiro da Babilônia: a feminina (*neqbah*) é igual ao masculino (*dzakar*) (Gn 1,27c). Porém, após o cativeiro da Babilônia (538 a.C.), e com o retorno de vários grupos exilados (*golah*), especialmente o grupo de Esdras (Esd 9-10), o recuo e o preconceito com relação às mulheres hebreias estrangeiras foram assustadores.

Apesar disso, e também porque houve alguma escola sacerdotal mais aberta, ficaram gravadas no Antigo Testamento, apesar das glosas, algumas experiências libertadoras que expressaram o rompimento com o sistema patriarcal. Muitas mulheres encontraram seus espaços e levantaram suas vozes. O Deus da Bíblia nunca esteve do lado dos que silenciaram as mulheres. Todas, como Agar, Tamar, parteiras e escravas hebreias, Joquedebe, Zípora, Míriam, Débora, cinco filhas de Salfaad, Raab, Rute, ao encontrarem o Deus libertador que caminha com seu povo, soltaram suas falas e ocuparam seus espaços como protagonistas na história de Israel e no anúncio do Deus dos/as marginalizados/as. Mulheres conscientes, que ocuparam seus espaços, mostraram que a história sem elas não seria a mesma. Não fossem as poucas narrativas que não foram apagadas, os relatos bíblicos dos masculinos seriam bem mais desumanizantes e tristes.

ESCOLAS DOS “REDADORES FINAIS” MAIS ABERTAS E OS CONFLITOS COM O *STATUS QUO*

Só se podem entender alguns textos femininos no cânon final da Bíblia judaica, provavelmente, por dois motivos: a) A força das memórias populares, particularmente as femininas; b) A abertura de algumas escolas dos redadores finais. Nem todas eram fechadas ou ortodoxas contra o universo popular e feminino. Veem-se, nas redações finais, as mãos de tendências abertas ao teológico e ao social. O que mantinha a coerência final era a visão de um Deus libertador sempre junto ao seu povo. Era o Deus que se identificou a Moisés como sendo *Yahweh*, ou seja, EU SOU O QUE SOU (com vocês) (Ex 3,15). Ele enxergou a opressão egípcia sobre o seu povo e tomou a iniciativa de libertá-lo. O “Eu Sou o que Sou” estava junto aos seus e os desafiava a lutar pelo fim da opressão do faraó. Ele sempre foi o *Emanuel* (Deus conosco) na história dos hebreus/israelitas, chegando a Jesus Cristo como aquele que está conosco sempre (Is 7,14; Mt 1,23; 28,20). O nome de Deus é o centro de toda mensagem bíblica.

Porém, essa tão próxima presença de *Yahweh*, na história do Antigo Testamento, foi apagada dos textos bíblicos e substituída pelo título “Senhor” (TREIN, 2021). Segundo esse autor, entre muitas causas, é que judeus piedosos achavam que o nome de Deus era santo demais, e os humanos não podiam pronunciar o seu nome. Então, em vez de chamá-lo *Yahweh*, liam esse termo como “Adonai”, que significa “Senhor”. Essa palavra no grego é *Kyrios*; e no latim, *Dominus* (daí vem dominador). Então, segundo Trein (2021), o Deus solidário e presente foi dando lugar aos conceitos humanos que o viam como os senhores da terra, os poderosos. O Deus bíblico libertador, tão junto aos seus, foi hierarquizado e distanciado. Tornou-se o Deus dominador, bem no estilo de outras culturas opressoras (TREIN, 2021).